



**Carla Patricia Acioli Lins**



Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

[aciolilins.carla@gmail.com](mailto:aciolilins.carla@gmail.com)

**Darlene Eugênia de Moura Campos**



Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

[darleneeugenia@hotmail.com](mailto:darleneeugenia@hotmail.com)

# **OS MODOS DE SER ESTAR E OS SABERES FAZERS DA DOCÊNCIA ATRAVESSADOS PELAS “PARCERIAS” PÚBLICO-PRIVADO NA REDE PÚBLICA DE ENSINO MUNICIPAL DO AGRESTE DE PERNAMBUCO**

## **RESUMO**

Os docentes têm sido afetados por políticas que tem criado condições adversas a sua experiência e à escola. Neste artigo, buscamos pensar como o professorado e equipe gestora, considerando a adesão, de escolas municipais do Agreste de Pernambuco a programas educacionais privados, têm sido atravessados em seus modos de ser-estar docente, e em seus saberes fazeres. As questões envolvendo a docência indicam que os modos de ser - estar e os saberes-fazeres dos docentes têm sido afetados por princípios e valores empresariais que se instituem na escola a partir de sua adesão aos programas. As “parcerias” entre as redes de ensino públicas e o setor privado mobilizam saberes-fazeres da equipe gestora que configuram modos de ser-estar ancorados em práticas predominantemente pautadas em aspectos administrativos distanciados das questões pedagógicas. Os professorxs tem sua autonomia significativamente afetada. Nesse contexto, tanto gestorxs quanto professorxs acabam distanciados das especificidades da escola e da educação em seu sentido de formação humana.

**Palavras-chave:** “Parceria” público-privada. Ser-estar docente. Saberesfazeres.

## **THE WAYS OF BEING AND TEACHING KNOWLEDGES CROSSED BY PUBLIC-PRIVATE “PARTNERSHIPS” IN THE PUBLIC SCHOOL SYSTEM IN THE AGRESTE OF PERNAMBUCO**

### **ABSTRACT**

Teachers have been affected by policies that have created adverse conditions for their experience and school. In this article, we seek to think how the teaching staff and management team, considering the adherence, from municipal schools in the Agreste of Pernambuco, to private educational programs, have been crossed in their ways of being teachers, and in their know-how. The questions involving teaching indicate that the ways of being - being and the know-how of teachers have been affected by business principles and values that are instituted at school from their adherence to the programs. The "partnerships" between the public education networks and the private sector mobilize the know-how of the management team that configure ways of being-anchored in practices predominantly based on administrative aspects distanced from pedagogical issues. Teachers have their autonomy significantly affected. In this context, both managers and teachers end up distancing themselves from the specificities of school and education in their sense of human formation.

**Keywords:** "Public-private partnership. Being a teacher. Know-how.

Submetido em: 05/05/2020

Aceito em: 16/06/2020

Publicado em: 10/12/2020



<http://dx.doi.org/10.28998/2175-6600.2020v12nEsp610-623>



## I INTRODUÇÃO

Buscamos nesse artigo problematizar acerca dos saberes-fazeres e modos de ser-estar docente de gestorxs<sup>1</sup> escolares e professorxs, considerando o contexto no qual tem se observado adoção intensificada por parte da rede pública de ensino de estados e municípios a modelos de gestão empresarial da educação e das escolas. Nesse contexto, observa-se que os docentes da Educação Básica, independentemente do nível de ensino em que atuam, de uma forma ou de outra, têm sido afetados nos modos de ser-estar docente, e também em seus saberes-fazeres, pelos modelos de gestão de cunho empresarial que se instituem nas redes de ensino público, especialmente via adesão a programas educacionais concebidos e propostos, e em muitos casos também geridos e acompanhados no cotidiano escolar pelo setor privado, apesar de instituídos nas redes públicas de ensino.

Tais programas assumem o discurso de que objetivam contribuir com a melhoria da qualidade da educação escolar, mas em movimento contrário, parecem estar afetando, de tal forma, a escola, a equipe gestora, bem como o professorado, que chegam a criar condições adversas à experiência docente e à escola. São as relações entre as experiências de docentes e o contexto empresarial, que os estudos em política educacional têm observado e denominado segundo Adrião (2018) de um movimento de privatização da educação, que abordamos neste texto. Em outras palavras, buscamos pensar como a adesão de redes de ensino de municípios da região do Agreste de Pernambuco a tais programas pode estar afetando os modos de ser-estar docente bem como seus saberes-fazeres.

Pensar a docência no contexto das “parcerias” que tem se dado entre a rede pública de ensino e o setor privado, foi possível a partir da realização de pesquisas que tinham como foco de interesse os processos de profissionalização de professorxs e gestorxs de escolas do ensino fundamental da rede municipal de Caruaru. Assim, neste artigo, tomamos como referências os dados produzidos por observações do cotidiano escolar – aulas, reuniões pedagógicas, conselhos de classe, recreios, momentos dos intervalos nas salas de professorxs e reuniões de planejamento para pensarmos sobre como a presença de programas curriculares, propostos pelo setor privado, tem afetado a docência em seus modos de ser-estar na medida em que também demandam por reconfigurar seus saberes-fazeres que passam a ser concebidos por dentro de uma lógica empresarial. Fizemos registros das observações em diário e notas de campo ao longo de um semestre. As nossas idas a escola ocorreram entre duas a três vezes por semana, sempre no mesmo turno, mas em dias que foram alternados seguindo o ritmo, o movimento, a intensidade e as demandas das vivências decorrentes do próprio trabalho de campo.

---

<sup>1</sup> A utilização do X se relaciona à diversidade de gênero e ao seu reconhecimento.

Foi nesse encontro com a escola a fim de pensarmos sobre a profissionalização docente que emergiu das observações, chamando nossa atenção, para a intensa presença nas escolas de programas vinculados ao setor privado, às vezes até mais de um programa em funcionamento na mesma escola. Como desdobramento dessa presença, percebemos inquietações de professorxs e gestorxs com relação aos excessos de atividades demandadas pelos programas, que por sua vez têm afetado os modos de experimentar o tempo curricular, os modos de avaliar, de desenvolver as aulas e de se envolver com as atividades de gestão. Foram tais observações que tomamos como referência para pensarmos as questões em torno dos modos ser-estar docente e seus saberes-fazeres nos contextos em que o setor privado tem se relacionado com a educação pública.

A busca por mobilizar reflexões sobre as relações entre saberes-fazeres e modos de ser-estar na docência e o movimento que se observa de privatização do setor público, no caso aqui enfatizado, observado através do estabelecimento de “parcerias” entre secretarias municipais de educação, via a adoção, por parte das escolas, de programas e/ou projetos de natureza curricular e de gestão, ofertados pelo setor privado, sem ou com fins lucrativos, a exemplo do Instituto de Qualidade da Educação – IQE ou do Instituto Airton Senna – IAS, parece-nos necessária, a nosso ver, considerando os avanços e abrangência da ação privada na educação pública ganhando assim importância pensar sobre como tem impactado na docência, uma vez que é a equipe gestora e professorxs que (re)pensam, (re)criam, (re)inventam, (re)planejam, conhecem, participam e (re)constroem juntos com a comunidade escolar o trabalho pedagógico, didático e curricular.

Considerando tal problemática, pensamos ser necessário apresentar, ainda que de forma breve, o movimento em que “parcerias” entre o setor público e privado vêm se instituindo na rede pública municipal de cidade da região agreste de Pernambuco. Num segundo momento buscamos problematizar como as “parcerias” estabelecidas se atravessam e afetam a ambiência escolar, atravessando e afetando a docência, considerando que tais “parcerias” sinalizam para outros modos de pensar a educação e a escola, bem como para outros saberes e modos de fazer, reconfigurando, dessa maneira, os modos de ser-estar docentes.

As reformas instituídas nos anos de 1990 influenciaram parcerias entre os setores público e privado, ancoradas, principalmente, no argumento de que tais “parcerias”, poderiam tornar o estado mais eficiente. Desde então a gestão pública, segundo Adrião e Pinheiro (2012, p. 56), “sofre alterações que se justificam pela disseminação de uma opção ideológica, segundo a qual o setor privado seria o padrão de eficiência e qualidade a ser seguido e perseguido”. É nesse sentido que desde a década de 1990 se dá um movimento no qual vai se afirmando a presença do setor privado na educação pública, expressa numa política educativa na qual podemos observar a transferência para este setor, seja ele lucrativo ou não, da agenda e de políticas educativas. A reconfiguração da educação pública a partir das relações que tem estabelecido com o setor

privado tem sido pensada e discutida em vários estudos como os de Adrião e Pinheiro(2012), Oliveira (2017), Adrião (2018) entre outros, na busca por compreender como tais relações atravessam a gestão da educação pública bem como tem afetado a gestão da escola.

Considerando a importância deste debate, para iniciarmos nossas reflexões, gostaríamos de fazer alguns destaques acerca da discussão em curso. Primeiramente, pensamos ser importante retomar as questões realçadas por Adrião (2018) sobre os termos comumente utilizados para conceituar a privatização da educação, são eles: parceria público-privada, mercantilização, entre outros. Mas é o termo privatização que, para a autora, guarda a precisão capaz de expressar “medidas que tem subordinado, direta e indiretamente, a educação obrigatória aos interesses de corporações ou organizações a estas associadas” (2018, p. 9), uma vez que, por exemplo, o termo parceria público-privado ainda que muito utilizado, não corresponde a uma relação colaborativa entre tais setores já que essa não assume a horizontalidade que o termo parceria<sup>2</sup> indica, parecendo mais coerente com um projeto no qual as finalidades exclusivamente econômicas – lucrativas, se sobrepõem as demais necessidades que criam as possibilidades para a existência de um mundo e vida comum<sup>3</sup>.

O segundo destaque, faz referência às formas nas quais a privatização da educação básica tem se apresentado. Segundo Adrião (2018), essas podem ser identificadas em três dimensões – gestão, currículo e oferta. Considerando as realidades as quais temos nos aproximado através de pesquisas em escolas públicas sobre as relações entre práticas de professores e professoras e processos de profissionalização, pudemos observar a presença nas escolas de projetos voltados para a melhoria do ensino fundamental e ofertados pelo setor privado, nos relatos do professorado sobre seus saberes-fazeres, indicando que a presença desse setor parece afetar tanto as práticas do professorado, seus saberes-fazeres, quanto os modos de estar e tornar-se docente. Ancoradas nessa experiência de pesquisa, é que neste artigo daremos atenção à dimensão do currículo buscando pensar como tais propostas podem estar afetando os modos de ser-estar e os saberes-fazeres de gestorxs e professorxs. Salientamos que a privatização da educação em sua dimensão curricular, segundo Adrião (2018) se expressa, sobretudo, pela compra ou adoção pela rede pública de desenhos e insumos curriculares, tecnologias educacionais concebidas pelo setor privado, ou ainda pela compra ou adoção de sistemas privados de ensino (SPE).

Observamos que um dos municípios que tem sido nosso campo de pesquisa acerca da docência<sup>4</sup>, embora atualmente tenha feito adesão ao programa proposto pelo IQE, já chegou a ter a implementação

---

<sup>2</sup> Destacamos que concordamos com Adrião (2018) sobre o uso do termo privatização, porém ao longo do texto optamos por utilizar o termo parceria, considerando que este artigo toma como referência a instituição privada que assume este termo para designar suas relações com o setor público mesmo que não concordemos com tal correspondência, mas, por esse motivo, utilizaremos aspas quando nos referirmos a “parceria” público – privado.

<sup>3</sup> DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**. Ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

<sup>4</sup> Referimo-nos aos projetos de pesquisa: “A adesão à docência: um estudo das práticas de professoras do ensino fundamental” aprovado no Edital CNPq Universal 2016, número do processo 421938/2016-1 (em curso) e “A profissionalidade e o

de políticas e programas distintos, simultaneamente, em uma mesma escola, muitas vezes apresentando também objetivos distintos. Nessa condição, pudemos observar cotidianos escolares marcados pela presença de propostas tão diversas entre si, que acabavam muitas vezes forjando demandas e (des)orientações curriculares e de gestão da escola que acabavam afetando os saberes-fazeres da equipe gestora e do professorado, bem como os modos destes estarem e irem se constituindo docentes seja nas vivências e experiências com a gestão pedagógica e ou administrativa seja com o aprender e ensinar.

Observamos que quando as redes aderem aos projetos concebidos pelo setor privado e/ou empresarial. Esses carregam consigo não só propostas que envolvem experimentos curriculares, mas também envolvem uma dimensão que se pretende formativa com foco voltado para a docência. Ou seja, junto com os experimentos curriculares está associada uma ideia de “formação continuada” que se constitui em orientações de cunho mais técnico, de como reproduzir os novos modos de fazer prescritos pelo projeto adotado.

As “formações” vão reafirmando discursos sobre os saberes-fazeres e modos de ser - estar de professorxs e gestorxs, remetendo-se à docência como uma atividade apenas técnica, baseada na transmissão e reprodução de conhecimentos e pouco complexa. Nesse sentido, por exemplo, durante os anos de 2016 e 2017 as formações de professores nesse município foram realizadas pelo Sistema Educacional Família e Escola, onde os professores recebiam manuais do professor e livros para serem utilizados com os alunos. Nesse período as formações ocorriam no início de cada semestre letivo, com formadores do próprio programa. O Sistema Educacional Família e Escola desenvolveu uma coleção de livros com atividades para serem trabalhadas com as crianças tanto na escola quanto com as famílias, afinal o programa defendia a importância da atuação da família no processo de aprendizagem das crianças. O material utilizado foi produzido pela Editora Opet através das coleções de livros Entrelinhas. O programa orientava que a escola deveria promover pelo menos quatro encontros com as famílias durante o ano letivo, para tratar de assuntos diversos como afetividade, desenvolvimento infantil, direitos e deveres, sexualidade, dentre outros temas de acordo com a faixa etária dos alunos atendidos. Ao final do ano de 2017, o contrato com a empresa terminou, logo o vínculo da secretaria de educação do município com a proposta formativa também foi esquecido.

Já nos anos de 2018 e 2019 a rede de ensino passou a realizar encontros mais frequentes, realizando mensalmente formações. Nesse período, as formações passaram a ser desenvolvidas pelo Instituto Qualidade a Educação (IQE)<sup>5</sup>. Atualmente a secretaria do município possui uma equipe de

---

Profissionalismo de Docentes do Ensino Fundamental – o caso de professores da rede pública da região Agreste do Estado de Pernambuco”. Relatório de Pesquisa, CNPq, 2014. 45 p. Edital Ciências Humanas.

<sup>5</sup> O IQE é uma “associação civil” de caráter educacional e de assistência social, sem fins econômicos, criada em 1994 e mantida com o apoio de empresas privadas e parcerias com governos. Sua missão é promover e desenvolver projetos educacionais que tem por objetivo a inclusão social através da melhoria da qualidade do ensino público básico.

profissionais dedicada ao trabalho com a formação continuada, esta equipe tem os momentos formativos com o IQE além de momentos de estudo e preparação para posteriormente realizar os encontros com os professores da rede. Nos encontros que ocorrem mensalmente, os professores são separados de acordo com a série em que atuam e orientados a trabalhar seguindo um livro do professor que descreve as áreas de conhecimento que serão trabalhadas e as habilidades em cada uma das atividades desenvolvidas. O manual descreve como desenvolver as aulas e as atividades propostas, expõe como os espaços das salas de aula precisam ser organizados. Apresenta vídeos, dinâmicas e textos que serão trabalhados bem como as atividades a serem desenvolvidas com os alunos da educação infantil.

Já no ensino fundamental os professores não recebem livros, mas sequências didáticas que visam trabalhar as habilidade e competências dos estudantes, preparando-os para as avaliações externas. Além das sequências didáticas do IQE, os professores precisam trabalhar os livros didáticos e os materiais complementares enviados pela secretaria como o Almanaque que trabalha a história de Pernambuco, que foi adotado pela rede no ano de 2019. O material desenvolvido pelo IQE busca contemplar a Base Nacional Comum Curricular e o Currículo da Rede Municipal, que foi construído com a participação de alguns professores da rede municipal. O próprio IQE também elabora e envia provas para que sejam realizadas com os alunos do ensino fundamental ao final de cada semestre. Ao final do ano de 2019, também foram enviadas avaliações para os alunos que estavam concluindo o Pré II, a fim de atestar o impacto das ações do projeto. Os resultados das avaliações, até aqui, não são discutidos com os professores, pondo em evidência a forma como os docentes participam deste processo e podem ser afetados por ele, já que são importantes essencialmente para executar as ações propostas pelo IQE e para tal prescindem de seus saberes já que são guiados em seus modos de fazer pelo material produzido e pensado pelo instituto numa forma de conceber a docência como sendo possível de apartar seus saberes-fazeres e modos de ser-estar do que é imprevisível, inusitado, criativo e pensado.

Quanto ao trabalho desenvolvido pela equipe técnica responsável pelas formações, este consiste também na realização de visitas para acompanhamento. Estas se dão com alguma frequência, sem aviso prévio, com o argumento de ajudar os professorxs a desenvolver o trabalho e verificar quais dificuldades são enfrentadas. Para o professorado, de modo geral, a percepção é mais de fiscalização do seu trabalho, os técnicos que conduzem as formações, querem saber, segundo os professorxs, se estão a seguir, em suas práticas, as propostas apresentadas nas formações.

Vale salientar que mesmo diante de tentativas de homogeneização dos saberes-fazeres e das práticas, o professorado cria uma diversidade de maneiras de escapes<sup>6</sup> a estes controles. Dessa forma,

---

<sup>6</sup> C.f os trabalhos de SANTOS, Márcia Cristina Xavier dos. Profissionalização e profissionalidade docente: as interdependências entre professorado, gestão da escola e equipe gestora do ensino da secretaria de educação de um município do agreste pernambucano. 154p. **Dissertação** (Mestrado em Educação Contemporânea) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Caruaru, 2019.

fazem resistência frente às disputas sobre os modos de ser - estar docente e de seus saberes fazeres – entre transmissores e autores de seus modos de saber - fazer e de ser- estar na docência.

## 2 AS “PARCERIAS” ENTRE PÚBLICO E PRIVADO QUE SE ATRAVESSAM À DOCÊNCIA E AFETAM SEUS MODOS DE SER-ESTAR E SEUS SABERES-FAZERES

Como podemos observar na breve descrição de projetos concebidos pelo setor privado e adotados por escolas da rede de ensino municipal, vemos que estes têm como um dos principais focos de suas ações os currículos e a formação da equipe gestora e do professorado, e carregam consigo outros modos de pensar a educação, a escola, os processo de ensinar e aprender, e, de ser, estar, se tornar professor, modos que tomam como referência a priorização dos resultados do ensino aprendizagem em detrimento de seus processos e da diversidade de acontecimentos que os atravessa. O IQE, por exemplo, informa em seu site que é “parceiro” em ações educativas nas redes de ensino municipal e estadual de Pernambuco, e possui como foco os professores<sup>7</sup> aos quais orienta, acompanha e incentiva-os a desenvolver novas formas de ensinar. Dispõe-se a ajudar a melhorar a gestão da escola, nesse sentido diretores e coordenadores pedagógicos são apoiados na implementação de processos de gestão que possam melhorar a qualidade da escola, e por fim, também enfocam os resultados – os alunos são submetidos a avaliações periodicamente e também recebem reforço escolar.

Dessa forma, importa ter atenção aos questionamentos que Adrião (2018) faz a utilização do termo “parceria” para se referir à relação entre a educação pública e o setor privado. Parceria envolve horizontalidade nas relações entre os envolvidos, e neste caso observamos uma relação contratual de interesses políticos e econômicos envolvendo a prestação de um serviço que teve seu conteúdo definido previamente, ou seja, ao serem concebidas as ações dos projetos voltados para o professorado, a gestão, e a avaliação, ações estas que atravessam as práticas curriculares, não foram criados espaços para a escuta ou participação de gestores das escolas, coordenadores ou professorado. As ações são pensadas por quem está fora escola sem considerar suas especificidades, suas singularidades e seus diversos modos de existir, sem reconhecer as experiências, as vivências e a expertise que portam gestores e professorado, e dessa forma as ideias, finalidades e objetivos dos projetos acabam se impondo aos docentes e atravessando seus

---

BRAZ, Glicínia Raquel Feitoza. Experiência: noção potente para pensar formação de professores. 117p. **Dissertação** (Mestrado em Educação Contemporânea) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Caruaru, 2018.

SILVA, Thiago Gonçalves. Os aprenderes-fazeres docentes na educação infantil: um olhar cartográfico sobre os movimentos tecidos no cotidiano escolar de um CMEI da rede municipal de ensino de São Bento do Una – PE. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Caruaru, p. 196. 2018.

<sup>7</sup> A apresentação das finalidades do trabalho desenvolvido pelo IQE no que se refere ao professorado, gestão da escola e avaliação encontram-se em seu site. <http://www.iqe.org.br/index.php>

modos de ser e estar, via o acompanhamento por técnicos e formadores, via material como livros, manuais e sequências didáticas que passam a nortear o trabalho tanto da gestão como do professorado, e por avaliações externas que ao objetivarem a verificação dos resultados alcançados pelas escolas vão instituindo outros modos de pensar, conceber, experimentar e viver a docência.

É considerando os movimentos dessa “parceria” que temos pensado como a docência pode estar sendo afetada, já que o movimento de ir se constituindo docente tem com a escola uma relação fundamental a ser considerada, pois está atravessada por um processo formativo que se dá no e com o fluxo das vivências, dos acontecimentos e experiências, e que ultrapassa inclusive, as formações ofertadas pelas redes de ensino, diz respeito ao processo formativo no qual vamos nos fazendo, tornando-nos professores entre pares e na escola, e que nos possibilita a todo tempo pensar-repensar práticas, pensar-repensar os modos de lidar com a escola, com a crianças, adolescentes, jovens e adultos e consigo, questionar nossos movimentos nas diferentes formas de ensinar e aprender. É assim que vamos nos tornando professores, entrando em contato com os outros, apresentando-nos, relacionando-nos, assumindo compromissos com a escola, envolvendo-se com ela, bem como com a comunidade escolar. É essa ambiência que vem sendo afetada pelo movimento de privatização da educação, instituindo modos de gestão na e da escola que deslocam o foco de interesse apenas para resultados, geralmente produzidos pelas avaliações externas, deixando de fora projetos de formação que compreendem que estar na escola vai além da possibilidade de se desenvolver cognitivamente, envolve olhar para o outro e para si, modificar-se. É a redução de um sentido de educação e formação humana a um sentido utilitário, técnico, instrumental, tornado um produto que vem certamente afetando os modos de ser docente e de estar na profissão.

Desse modo, quando a Secretaria de Educação Municipal adere a um programa proposto pelo setor privado, e passa a realizar a formação que foi concebida sem aproximação com o que pensam os docentes, bem como as demandas, experiências e vivências partilhadas na e pela própria rede, certamente contribui com a criação de outros modos de subjetivação docente na medida em que as propostas formativas passam a tensionar com os modos de fazer e com os saberes comuns, e por isso, já partilhados entre docentes, ou seja, a formação passa a apontar, a sugerir, a colocar em questão como os professorxs, a gestão, a escola podem e devem instituir outros modos de lidar com o cotidiano relacionado aos conteúdos, as atividades que devem propor aos estudantes, chegando em algumas situações a determinar o que e como os docentes devem fazer do início ao fim da sua aula, utilizando-se para isso manuais, livros, sequências didáticas indicadas nos momentos de formação continuada. Vai assim ao encontro de uma maneira de conceber a aula como um gesto criativo, de cooperação, generosidade e solidariedade entre os que com ela, de uma forma ou outra, estão envolvidos – professorxs, studentxs, equipe gestora, diríamos a escola. E, o mais importante, a escola como lugar de formação indo para além da escolarização

utilitária e instrumental acaba nessa perspectiva sendo ainda mais enfraquecida na medida em que o setor privado vai capturando a escola com valores e princípios de uma sociedade de mercado.

É também nesse sentido, que os modelos de formação que se instituem vão ferindo a autonomia docente, pois implica não só num tipo de proposta que tende a padronização dos modos de ser - estar docente indo de encontro tanto aos saberes-fazeres que foram construídos e que são partilhados pelo coletivo docente, mas também acaba por desconsiderar as experiências e vivências individuais que foram possíveis a cada um e cada uma ao longo de trajetórias docentes.

Importante destacar que a proposta de formação, ao buscar homogeneizar os saberes-fazeres e os modos de ser-estar docentes, desconsidera as diversidades existentes na vida escolar, pois os programas buscam encaminhamentos padronizados para os desafios da educação. Considerando esse espaço-tempo escolar que se institui, a partir dos projetos postos pelo setor privado, observamos que se cercam as possibilidades de escapes aos processos formativos, que se desenvolvem a partir do setor privado, se estabelecendo diversas maneiras de controles sobre o exercício docente, por isso tais programas possuem ações que envolvem, sobretudo muita atenção às práticas curriculares e à formação de professores. É nesse sentido que a direção tomada pelas propostas de formação dos programas vai ao encontro de pensar a formação docente para além de sua dimensão cognitiva, técnica e teórica, ou seja, pensar a formação como uma experiência

[...] que não quer se reduzir ao lugar comum de dar forma a, mas se coloca como uma formação-experiência, estando além das dimensões (im)personais, pois uma formação é feita consigo, com outros e para outros. Tendo assim um alcance coletivo, dizendo respeito a uma prática que tem por objetivo desindividualizar, a um modo de pensar que extrapola o sujeito individual e se endereça a experiência daqueles que serão formados ou atravessam o caminho do formador (DIAS, 2015, p.2).

Nesta perspectiva de formação inventiva, segundo Dias (2015), os sujeitos se formam na relação com o outro, com o mundo e consigo. A experiência da formação é algo que nos acontece, nos transforma nessa construção que ocorre nas relações e neste sentido ser, estar e se tornar docente envolve estar em relação com a vida escolar, essa convivência marcada por intensidade é desafiada quando os projetos atuam a partir de propostas prescritivas orientando o professorado a fazer como o já posto, e a equipe gestora a acompanhar, diga-se supervisionar, os professorxs. Naturalmente, é um desafio para os professorxs em meio a uma ambiência formativa que se pretende tão prescritiva, voltada para desenvolvimento de habilidades, desenvolver estratégias para exercer seu trabalho de forma autônoma, criativa, autoral mediante tantos mecanismos de controle. Apesar da disputa que se estabelece entre concepções distintas de educação e formação, é possível acreditar nos atos de resistência aos modelos pré-estabelecidos e, neste sentido, arriscar-se a lançar-se “no desafio de desfazer e refazer certas fronteiras e, com isso, se engajar na aposta de produção de um mundo comum, mais heterogêneo, onde professores e alunos possam fazer emergir outros modos de se formar”(DIAS, 2015b, p.201).

De outro lado, a equipe gestora da escola – gestorxs e coordenadorxs, são envolvidos pelas relações estabelecidas com o setor privado, ao menos de duas formas – pela busca por criar nas escolas adesão aos princípios, valores e modos gerencialistas de gestão da escola pública, e pelas especificidades dos programas com os quais as redes de ensino estabelecem suas “parcerias”. Esses modos se articulam entre si e se movem afetando também os modos de se constituir e estar gestor e destes pensarem a gestão da escola com a comunidade escolar. A lógica gerencial tem buscado produzir um discurso na e sobre a escola com vistas à competição, eficiência, eficácia, produtividade, resultados e qualidade, afastando cada vez mais a educação da ideia de preparação para a vida em comum, conforme aponta Laval (2019).

Nesse contexto, por exemplo, a criação de um sistema de avaliação nacional e estadual passou, em muitos casos, a mediar o trabalho das equipes gestoras. Geralmente seus esforços tendem a se concentrar em torno do alcance das metas postas para as escolas, sobretudo exercendo o controle sobre o trabalho do professorado, que também foi intensificado no contexto de gerencialismo.

Observamos que dentro dessa lógica a equipe gestora acaba se distanciando das questões que importam para a educação e escolarização, no sentido que se vê enredada numa gestão de cunho gerencial com seus modos próprios de operar no cotidiano escolar, ou seja, a equipe gestora acaba estabelecendo relações com a comunidade escolar, especialmente com o professorado, pautadas no cumprimento das metas estabelecidas, nos princípios da lógica gerencialista, e, cada vez mais, acaba se distanciando das questões pedagógicas e educativas, tal como indicado também por Queiroz (2018). No cenário atual a gestão da escola e a coordenação pedagógica assumem tantas atividades de natureza apenas administrativas que pouco tempo possuem para junto com a comunidade escolar pensar a escola. Destacamos que nesta lógica o tempo que poderia ser dedicado a pensar, estudar, estabelecer trocas entre pares para criar uma ambiência escolar potente para provocar a curiosidade, o gosto por ensinar e aprender é tomado por atividades “burocráticas” que apenas sobrecarregam a equipe gestora, comprometendo, inclusive, o estabelecimento e criação de compromisso com modos de conduzir a gestão da escola preocupados com a criação de valores e princípios da democracia, que possam orientar relações pautadas no reconhecimento de modos outros de existências e no reconhecimento de direitos. Excessivamente preocupados em apresentar resultados conforme as metas estabelecidas, gestorxs têm sofrido com a precarização de seus modos de ser - estar, de seus saberes-fazeres e de se tornar docente.

Os programas privados mobilizam outros pontos de tensões ao se estenderem nas relações de interdependências que se estabelecem entre professores, equipe gestora da escola, e para a relação entre esses, e a Secretaria Municipal de Educação no que se refere principalmente aos modos de lidar com o currículo, a avaliação, o ensinar e aprender bem como de compreender o trabalho do professorado e equipe gestora diante da existência, da presença de projetos do setor privado nas escolas. Nesse sentido, são comuns relatos tanto de gestorxs quanto de professorxs de que a presença de projetos privados acaba

por deslocá-los do espaço-tempo de pensar coletivamente os desafios do / no cotidiano escolar para o atendimento das necessidades dos próprios projetos, observamos que os projetos acabam se sobrepondo ou pelo menos forçando sobreposição aos modos de estar na docência que se distanciam de modos de compreender a docência como uma profissão possibilitada pela criatividade, autoria, colaboração e coletividade, sem essas a docência tende a ser precarizada, reduzida a práticas instrumentais ancoradas apenas em técnicas.

### **3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Observamos que os programas educacionais propostos pelo setor privado ganham espaço significativo entre as redes de ensino de municípios do Agreste Pernambucano. As propostas do setor privado para a rede pública municipal envolvem orientações didáticas, pedagógicas e curriculares, chegando em alguns casos, a ocupar também, o processo de avaliação da aprendizagem dos alunos, que passa a não ser construído/ criado em sua inteireza pelo professorado, mas pelas equipes técnicas do programa. Em outras palavras, ao estabelecer interdependências com o professorado e equipe gestora da escola, mas não só com estes, também com as secretarias municipais de educação, o setor privado está tomando a direção/ gestão/ organização/ composição da agenda da educação pública – os modos de pensar e de fazer educação escolar na rede pública, por isso, é que os estudos no campo da gestão educacional denominam de privatização. Nesse sentido, considerando a docência, um dos pontos que compreendemos importantes salientar, a nosso ver, por suas implicações para os modos de ser-estar docente é que nesse processo – de criar políticas para a educação escolar - os profissionais da rede pública de ensino - professorado e equipe gestora das escolas -continuam a ser aliados desse processo quando seu pertencimento e participação importam para o reconhecimento e valorização da docência. Ou seja, não são chamados a participar do debate sobre como pensar e fazer educação na rede pública, uma vez que entre os programas e a escola não se estabelece nenhum tipo de parceria, porque a relação entre eles tem se mostrado verticalizada, tal como afirma Adrião (2018).

Ao professorado cabe a função – para os programas - de executar o currículo, e não de pensá-lo e de movimentar-se didática, pedagógica e curricularmente de modo criativo, autoral, podendo pensar com e sobre a escola acerca de seus processos formativos e de escolarização. Ao contrário disso, a padronização, homogeneização vai se pondo a orientar as práticas tanto do professorado como da equipe gestora tendendo a fazê-lo em conformidade com o que foi estabelecido pelo contrato com o programa, e pelos objetivos do projeto adotado. Vai assim, por um lado, criando brechas para o desencontro do professorado e equipe gestora com a própria docência, ao desencontrar também com educação e a escola, e de outro, fazendo emergir práticas que apontam para a resistência, para maneiras de escapes ao

que se mostra como risco à autonomia docente e às possibilidades de pensar o currículo, a avaliação, o ensinar e aprender como práticas que envolvem muito mais que técnicas, já que são envolvidas pelo pensamento e pela possibilidade de muitos atos criativos.

Sem considerar a vida cotidiana das escolas como aberta ao inesperado, a espontaneidade, aos acontecimentos que escapam aos controles, as tensões vão se estabelecendo pela entrada na escola das demandas recebidas pelo professorado para que siga/ oriente/ reproduza suas ações/ intervenções considerando o que os livros, manuais e sequências didáticas prescrevem. Em alguns casos até a elaboração da atividade de avaliação tem sido realizada pelas equipes técnicas dos programas, o que parece nos sugerir distanciamento dos docentes de experiências, vivências, e de uma ambiência escolar que valorize e os aproxime do exercício livre dos controles e prescrições que tomam seus saberes-fazeres e tentam atravessar seus modos ser-estar docente.

O movimento do setor privado na direção do professorado aponta também para disputas de poder sobre a educação escolar pública afetando os docentes em seus modos de ser-estar, e em seus saberes-fazeres e parece estar agindo a pressionar a docência para que possa se configurar de outros modos. Mas apesar de pressionada é importante observar que o professorado, principalmente, entra nessa disputa buscando afirmar-se como profissão e por isso, do jeito que pode, tem procurado afirmar a importância de se manter com autonomia. Sinal desse movimento é a criação de muitos modos de escapes no cotidiano escolar, por vezes discretos, sutis, mas nem por isso perdem seu efeito de resistência aos modos de pensar a educação como uma mercadoria. Neste sentido, observamos que o professorxs e equipe gestora reagem assumindo posicionamentos contrários à chegada à escola dos programas sem que tenham sido escutados. Os professores expressam suas insatisfações afirmando que os programas tentam engessar suas práticas, ao dizer o que e como devem desenvolver seu trabalho junto aos alunos em sala de aula.

A partir de nossas observações, considerando nossa inserção em escolas da rede municipal da região do agreste de Pernambuco, pudemos perceber sinais de que os programas e projetos, frutos de arranjos e interesses privados, estabelecem importantes relações com a docência tendo como objetivo definir as pautas, a agenda e a gestão da educação pública. É nesse sentido que os movimentos de privatização parecem indicar uma disputa por um “projeto de profissão”, mesmo que seja proposto por grupo exterior ao próprio professorado e à profissão. É importante atentar que no contexto no qual a educação assume valor econômico em detrimento de seu papel formativo, a profissionalização docente apresenta variantes, e em uma delas, “o professor abre mão de seu saber de experiência em nome da especialização, baseada no domínio minucioso de competências que interessam aos princípios e objetivos de uma educação empresarial” (DALBOSCO, 2019, p.9). É nesse sentido que disputar e ganhar hegemonia num projeto de docência bem como ocupar o currículo e a avaliação pode significar para o setor privado a possibilidade de avançar na privatização da educação pública.

## REFERÊNCIAS

ADRIÃO, Theresa. DIMENSÕES E FORMAS DA PRIVATIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: caracterização a partir de mapeamento de produções nacionais e internacionais. **Currículo sem Fronteiras**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 8-28, abr. 2018. ISSN 1645-1384. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol18iss1articles/adriao.html>> Acesso em: 13 jan. 2020

ADRIÃO, Theresa. PINHEIRO, Denise. A presença do setor privado na gestão da educação pública: refletindo sobre experiências brasileiras. **Educação e Políticas em Debate**, Uberlândia, v 1, n 1, p. 55-66, 18 jun. 2012. ISSN: 2238-8346. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/17363/9527>> Acesso em: 13 jan. 2020

BRAZ, Glicínia Raquel Feitoza. Experiência: noção potente para pensar formação de professores. 117p. **Dissertação** (Mestrado em Educação Contemporânea) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Caruaru, 2018.

CONTRERAS, José. **Autonomia de professores**. Tradução de Sandra Trabucco Valenzuela; revisão técnica, apresentação e notas à edição brasileira Selma Garrido Pimenta. – São Paulo: Cortez, 2002.

DALBOSCO, Cláudio Almir. Dossiê: instructio, libertas e exercício docente na contemporaneidade. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 40, e0220333, 2019. ISSN 1678-4626. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v40/1678-4626-es-40-e0220333.pdf>> Acesso em: 10 fev. 2020

DIAS, Rosimere de Oliveira. Formar professores pode ser produção de subjetividade? **Asociación Latino Americanana de La Educación. Actas**. Vol. 3, 2015a. Disponível: <http://filosofiaeducacion.org/actas/index.php/act/article/view/39> Acesso em: 10 fev. 2020

DIAS, Rosimere. Pesquisa-Intervenção e formação inventiva de professores. **Ver. Polis e Psique**, v. 5, nº 2, p.193-209, 2015b. Disponível em: [https://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/53949/pdf\\_34](https://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/53949/pdf_34) Acesso em: 10 fev. 2020

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público** / Christian Laval; tradução Mariana Echalar. – 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2019. ISBN 978-857559-711-8

OLIVEIRA, Ney Cristina Monteiro. A relação público privada na educação básica brasileira: as implicações do neogerencialismo como modelo de gestão. **Margens Interdisciplinar**, Pará, v. 11, n. 16, p. 57-67, jun. 2017. ISSN: 1982-5374 Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/5411/4521>> Acesso em: 10 fev. 2020

QUEIROZ, Lindinalva Ferreira de. Escuta de professores e professoras sobre os sentidos da atuação do coordenador pedagógico na formação continuada centrada na escola. 147p. **Dissertação** (Mestrado em Educação Contemporânea) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Caruaru, 2018.

## COMO CITAR ESSE ARTIGO

### **Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)**

ACIOLI LINS, Carla Patricia; CAMPOS, Darlene Eugênia de Moura. Os modos de ser estar e os saberes fazeres da docência atravessados pelas “parcerias” público-privado na Rede Pública de Ensino Municipal do agreste de Pernambuco. *Debates em Educação*, Maceió, v. 12, p. 610-623, 2020. ISSN 2175-6600. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/10123>. Acesso em: dd mmm. aaaa.

### **American Psychological Association (APA)**

Acioli Lins, C., & Campos, D. (2020). Os modos de ser estar e os saberes fazeres da docência atravessados pelas “parcerias” público-privado na Rede Pública de Ensino Municipal do agreste de Pernambuco. *Debates em Educação*, 12(Esp), 610-623. doi: <https://doi.org/10.28998/2175-6600.2020v12nEsp610-623>